

DADOS BIOGRÁFICOS DE ERICH KÄSTNER

Reinaldo Bossmann

Universidade do Paraná

Entre os grandes escritores através da Alemanha sobressai Erich Kästner, notável poeta e prosador satírico, de renome internacional na literatura infantil. E' um dos poucos humoristas da literatura alemã. Na Alemanha, conhece-o cada criança. No estrangeiro, suas obras são usadas para o ensino de alemão, por sua linguagem fácil e compreensível. "Ele é um moralista. Um racionalista. E' um continuador legítimo do racionalismo alemão, inimigo da ilegítima profundidade, que, no país dos poetas e pensadores, nunca se origina da moda; sujeito e afeiçoado às três inalienáveis exigências: à sinceridade do sentimento, à clareza do pensamento e à simplicidade do estilo" (Kästner sobre Kästner).

Suas obras foram traduzidas em mais de 25 línguas, inclusive o português. A Cia. Melhoramentos publicou as seguintes obras: "As duas Lolotas", "Emil e os detetives", "As aventuras de Barão de Münchausen", "Três homens na neve" e "A miniatura desaparecida".

Nasceu em Dresden, Erich Kästner em 23 de fevereiro de 1899. Seu pai, Emil Kästner, era seleiro antes do nascimento de seu único filho, com loja e oficina própria. Depois trabalhava como especialista numa fábrica de malas. Lembra-se da casa paterna o escritor com imorredoura gratidão em diversas passagens de suas obras. Por meio delas é possível dar uma idéia da atmosfera familiar. Tinha uma casa feliz e satisfatória. Os pais mostraram ao seu filho único aquêl amor que não se manifesta com violência, mas o amor sereno e abnegado da compreensão; aquêl amor cuja força não está nas palavras, mas na bondade

do coração. A situação social no lar cooperava para que os laços entre pais e filho se estreitassem, porque se firmavam em fundamentos sólidos: respeito ao próximo, participação nas pequenas alegrias, em um lar que não foi bafejado pela fortuna, solidariedade nas preocupações que assaltavam o lar e confiança inabalável que os unia. Esse lar foi a fortaleza de uma feliz vida familiar, baseado em tradicionais valores: cumprimento das obrigações e constância. Tais famílias com a inscrição de "pobres, mas felizes", eram uma célula sã da burguesia, por volta do século, da qual o povo e o estado tiraram sua força e homens ilustres foram projetados para o seio social. Assim, podemos considerar como uma gratidão natural que Kästner erigiu a seus pais um monumento literário. O poeta Kästner, entretanto, refere-se mais a sua mãe que a seu pai. Pode-se admitir que alguns traços do pai são idênticos a algumas figuras paternas de suas obras. Nota-se isso no romance "Fabian", no pai de Jacó. A imagem, no entanto, aqui é dada de modo marginal, apenas como coadjuvante. Na poesia "Frau Grosshennig schreibt an ihren Sohn", é mencionado o pai, de maneira ainda pouco profunda. Uma característica mais exata temos em "Das lebensgrosse Steckenpferd", aí, sim, aparece a natureza calma e solícita de um artífice especializado, cuidadoso, um verdadeiro mestre de sua profissão, que tinha paixão por trabalhos manuais e gostava de fumar charutos. Kästner aqui representa uma figura que é seu pai: aproveitava os artigos de couro estragados dos vizinhos, dando-lhes novos aspectos, os quais podiam ser usados novamente. Na maioria das vezes, a freguesia não reconhecia os objetos consertados, tão bem eram eles trabalhados. Pagava-se-lhe com charutos, ao invés de dinheiro, pois fumar charutos era e é seu maior passatempo. Certa vez, ele montou uma oficina, na própria cozinha bem perto da única janela existente, até que sua mãe declarou categoricamente que não mais suportava os maus cheiros de cola que se misturavam com os dos alimentos. Viu-se ofendido no seu orgulho profissional, e mudou-se para o porão, levando consigo tôdas as ferramentas. No porão, onde havia sucedido coisas misteriosas, Kästner conta o pequeno episódio de como seu pai, construindo misteriosamente um cavalo em altura natural, alegrou o filho e toda a vizinhança. Pergunta o próprio escritor, por que

se referia a êstes episódios: “Seria, talvez, para desenterrar certas recordações? Não tinha eu um propósito certo? Sim, eu queria falar naqueles velhos homens de mais de 80 anos, travessos, alegres, rijos como solas de couro e tão firmes nos seus afazeres como nos seus passatempos, bem poderíamos invejá-los. Vieram-me então à memória o cavalo construído por meu pai, e pensei como nós seríamos quando velhos como êle, então talvez nós teríamos de invejá-los. Acho ainda, que devemos admirá-los”.

E' esta a descrição mais detalhada que êle nos dá de seu pai ainda vivo e morando em Dresden e que completou já 89 anos. Sobre sua mãe, Kästner fala com grande satisfação e amor. Cita a mãe, Ida Amália, nascida Augustin, morta há 5 anos; é sempre lembrada pelo autor como uma senhora carinhosa, delicada e valente, desembaraçada e econômica. Foi sua mãe quem preservou e definiu o desenvolvimento interior de seu filho, com um amor perseverante e sem esmorecimento. Ela personifica para o poeta o tipo da mãe ideal, possuindo tôdas as qualidades mais louváveis. Kästner, sem dúvida, em suas obras formou êsse tipo maravilhoso de mãe em tôdas as suas histórias, para crianças e adultos, tendo como padrão sua progenitora, pois era ela, em si e nas histórias, tudo o que a maternidade de ideal pode possuir.

Em “Fabian”, diz Jacó a seu “tio”, quando êste foi apresentado a sua mãe: “Esta é a minha mãe, a melhor mulher do século”. O poema “Stiller Besuch” termina com os versos:

Seine Mutter sass am Tisch und schrieb.

Ernsthaft rückte sie an ihrer Brille.

Und die Feder kratzte in der Stille.

Und er dachte: Gott, hab ich sie lieb!

Festas solenes, especialmente as de Natal de tempos remotos, as quais fazem voltar pensamentos e recordações de muitos adultos ao quieto lugarejo da casa paterna, o escritor nos traz com diálogos confidenciais com sua mãe, como êstes: “Minha mãe querida, agora eu mesmo sou um homem, levemente grisalho. Mas diante da mãe, sempre se permanece criança, o mesmo filho de minha mãe. Mesmo tendo 46 anos ou sendo Presidente de Bischofswerda ou Johann Wolfgang von Goethe, em pessoa.

Isto é, graças a Deus, indiferente às mães". Em várias poesias Kästner volta-se diretamente para a genitora, e, com um amor grato, relata-lhe a preocupação sacrificada pelo filho único, em cidade estranha, e longe dela. Quer êle conferir tôda a sua alegria e cordialidade como agradecimento filial. Mesmo se muito pequena, uma relação a sua mãe notamos também no poema "Junggesellen sind auf Reisen":

Das ist ein Glück: mit seiner Mutter fahren!
Weil Mütter doch die besten Frauen sind.
Sie reisten mit uns, als wir Knaben waren,
und reisen nun mit uns, nach vielen Jahren,
als wären sie das Kind.

Kästner foi aluno da escola pública de sua cidade natal. Nada diz sobre os primeiros anos escolares nas suas reminiscências autobiográficas. O primeiro conhecimento com a vida real, além das quatro paredes da casa paterna, eram impressões de maneira social, político, militar na era "wilhelmina" de pré-guerra: "Quando eu contava sete anos de idade houve greves na cidade. Na nossa rua, à noite, foram atiradas pedras aos lampiões a gás. O vidro estilhaçava e tinia. Então veio a gendarmeria montada e, com espadas nuas, atacou a multidão. Eu estava junto da janela e minha mãe arrastou-me desta chorando. Isto foi em 1906. A Alemanha tinha um imperador e no seu aniversário realizaram-se na praça de Alaun grandiosos desfiles militares. Dessas paradas desenvolveu-se a primeira guerra mundial". Talvez a hipótese certa seja de que já estas impressões na infância influíram na profissão posterior, como satírico e crítico social.

De 1913 a 1917, frequentou Kästner o seminário de professores em Dresden. Esta escolha foi motivada pelas condições financeiras de sua casa paterna. Assim, tinha que ser, temporariamente, fechado para êle o ginásio e o colégio. "Eu era um menino exemplar", disse Kästner de si, lembrando os tempos de seminário. Que os professores do Terceiro Reich falharam, apresenta Kästner, nos seus falsos métodos de formação: "O estado dirigia nossa formação diretamente lá onde o mesmo via o maior aproveitamento. Formou nos seminários pequenos funcionários com direito à aposentadoria. Nosso fim de ensino esta-



Ewald Kaster

va abaixo do nível do ginásio real. Nossa formação movia-se sob o plano das escolas de sargentos. O seminário era uma caserna de professores". Uma amarga crítica pratica Kästner em "A história da formação do professor" que se apóia em experiências próprias do 3.º Reich. A crítica de Kästner sobre a falência dos professores primários está, em geral, certa, porém dura é, para muitos, imerecida, quando afirma que "êles (os professores) possuíam um respeitável saber, porém não o correspondente respeitável caráter". Para grande parte dos professores foi proposta a seguinte alternativa: arvorar a bandeira de Hitler, e aderir ao partido ou perder já sua triste existência? A pressão que atuava sobre muitos professores a êste respeito era dependente da determinada autoridade de inspeção, nêsse caso era o professor para o bem e para o mal, entregue ao inspetor escolar do govêrno. Qual a escolha que restou aos professores de caráter reto, do que ceder perante a carga interna e externa, a pressão de cima contra melhor saber e consciência!

Para muitos era, portanto, pura questão de sobrevivência. Deviam perder ainda o emprêgo de professor, mal gratificado, além da liberdade individual? Ou deviam êles, como patriotas, entrar para a "Wehrmacht?" Lá, também, imperava a falta de liberdade e a obediência cega. Os professores "revoltados" também eram destinados para lá. Neste assunto seria desejável uma observação crítica retrospectiva da pena de Kästner. Creio que, nesta observação, êle deveria retificar sua opinião acêrca dos "caracteres não correspondentemente respeitáveis", especialmente baseado no conhecimento das sentenças proferidas pelos tribunais de justiça e seus métodos de interrogatório! Apesar de Kästner ser um seminarista exemplar, êle devia ter-se revoltado contra a rígida disciplina na educação seminarista. Isto se nota na poesia "Kurzgefasster Lebenslauf", quando êle descreve o então aluno exemplar: "Como isto foi possível? Sinto-o agora ainda". Que êle se opôs à rigorosa ordem caseira e modo de vida, será quase impossível acreditar, pois não diz nada a respeito. Talvez êle foi um quieto sofredor da severidade, para não aumentar em vão o pesar de seus pais. Talvez que êle tivesse de tomar a falta de liberdade como natural, porque ainda nesta época lhe faltava a comparação pessoal com a liberdade, que havia nos outros sis-

temas de ensino de cursos colegiais. Disto êle se pôde convencer, quando, depois da guerra mundial, aprendeu a conhecer o colégio de tipo "Reformgymnasium": "Eu freqüentei depois que regresssei da guerra um colégio de tipo moderna, e reconheço que jamais fiquei tão admirado na minha vida de ver que os professores, durante a aula, se sentavam com os alunos, que êstes os tratavam como seus semelhantes. Pela primeira vez, vi o que é liberdade numa escola e até onde esta pode chegar sem causar indisciplina. Os outros, que tiveram de voltar ao seminário, foram submetidos a exercícios para autômatos de cega obediência. Depois tornaram-se professores primários e fizeram tudo que lhes era ordenado. E, quando um dia depois de 1933, as ordens foram dadas contrárias, a maioria dêles não tinha nada a opor. A resposta também era a obediência cega".

A obediência cega não é surpreendente já que a educação era determinada, neste ponto, em primeiro lugar. Mas deve ser notado que os velhos pedagogos de formação ainda nos seminários de professores devotaram maior oposição ao regime nazista que os moços, os quais já haviam vindo das escolas superiores de pedagogia.

Saído da escola, Kästner teria que freqüentar mais dois anos o seminário até terminar o curso de pedagogia, no entanto foi convocado para o exército em 1917. Alguns de seus colegas já haviam falecido no campo de batalha, quando se lhe puseram o uniforme, aos dezoito anos de idade. Suas recordações dêste tempo fixou-as êle nos versos "Colegiais em uniforme" e "Curriculum vitae":

Wir dachten an Rochlitz, Braun und Kern.
Der Rektor wünschte uns Glück.
Und blieb mit Gott und den anderen Herrn
gefasst in der Heimat zurück.

Dann gab es Krieg statt der Grossen Ferien.
Ich trieb es mit der Fussartillerie.
Dem Globus lief das Blut aus den Arterien.
Ich lebte weiter. Fragen Sie nicht wie.

Até o fim da primeira guerra mundial, êle serviu no 19.º Regimento de Artilharia, onde conseguiu ser sargento. Já no trei-

namento para o serviço de campanha, foi lançada a semente das idéias anti-militaristas e pacifistas, por meio de treinadores desumanos e perversos, como o sargento Waurich, um tipo brutal, como Erich Maria Remarque debuxa em seu romance "Im Westen nichts Neues". Esse tipo de algoz de recrutas marca Kästner na poesia "Sergeant Waurich". Na nota em prosa sobre estes versos diz: "O nome de Waurich é autêntico. De tal sargento até os guardas de SS nos campos de concentração não há nenhum caminho e não é preciso mesmo que houvesse".

A guerra estava no fim. O jovem de 19 anos retornou ao lar, porém seriamente doente de coração. Os pais tinham que conduzi-lo escada acima, porque ele por si não conseguia subir um degrau. Aos participantes da guerra que retornavam, o govêrno proporcionava certas facilidades para que pudessem prosseguir nos estudos interrompidos. Cursos especiais foram providenciados para os participantes da guerra. Kästner tomou esse justo projeto para seu proveito: Não regressou ao seminário de professores, mas ingressou no Koenig-Georg-Gymnasium, onde, no ano de 1919, terminou o curso colegial. Dêste tempo relata mais tarde, como ele freqüentava os cursos noturnos, organizados naquele colégio, sobre arte, música, pintura, poesia, para recuperar o tempo perdido na guerra e compreender a arte, avaliar, e, sobretudo, aprender a respeitá-la. "Como, por exemplo, nós, estes que retornaram da guerra, na presença dos quadros de Dix, Kokoschka, Kadinski, Marc e Feininger. Como nós discutimos! Como interpretamos e defendemos a lírica expressionista, apesar de suas grosserias! Como nós amávamos o moderno e respeitávamos o antigo". Sobre a instrução na arte, diz Kästner: "Nós fomos educados. Formavam-se olhos, nervos, tato, gôsto. E, também, não em último lugar, o bom senso, a arte, a qual não compreendemos apesar de tudo ser tratado como uma dama. Não se podem amar tôdas as damas; há muitas de que não gostamos. Mas, não se conclui que uma não deva agradar a ninguém ou que tenhamos o direito de cuspi-la na face".

Após o colégio, Kästner começou os estudos de filologia, principalmente de germanística. Estudou na Universidade de Rostock, de Berlim e de Leipzig. Sua cidade natal concedeu-lhe uma bolsa de estudos. Com a inflação, a bolsa ficou a nada. Preci-

sou trabalhar em escritório, recebia como salário uma pasta cheia de notas, necessitava porém correr e, por isso, adquirir alimento. A inflação trouxe notas de bilhões, pelas quais, a gente ainda conseguia uma caixa de cigarros. À noite Kästner estudava e escrevia, p. ex., sobre "As cartas estéticas" de Schiller. Que Kästner também se ocupou de Lessing, provam a poesia "Lessing" e o romance "Fabian". O futuro Doutor de Filosofia preza Lessing como o maior racionalista e crítico social do século 18, como sincero batalhador, o qual quebrou as janelas de sua época.

Quando a inflação passou, e quase nenhum homem honesto possuía dinheiro, Kästner propôs-se, sem cerimônia, ainda como estudante, a ser jornalista e redator. Com isso inicia a carreira de escritor. Durante a feira em Leipzig, ganhou, ainda adicional, alguns marcos, como cartaz ambulante. Durante seus exames para doutoramento, foi na redação substituído por um estudante. Doutorou-se em Filosofia, em Leipzig, no ano de 1925. Sua tese inaugural tinha o título — "As respostas à obra de Frederico o Grande: De la literature allemande". Em "Os pensamentos de um amigo da infância", Kästner toma posição num artigo no jornal "Der Berliner", intitulado "Frederico o Grande sem máscara". Kästner julga, baseado nos resultados de sua tese, negativamente sobre Frederico II como o Grande, e exige uma nova historiografia e, com isto, um novo ensino de história: "Venderam-nos histórias de guerra por história universal. Queremos então que a história Universal permaneça História de Guerra? Necessitamos desmascarar ao ensino de história. Isto afeta seus filhos, não os meus. Quando ví a direção que a Alemanha tomava, desisti de ter filhos, e educá-los, somente para que um dia fôssem mortos na guerra ou reduzidos a inválidos. Na verdade, não tenho filhos legítimos. Porém, eu exijo, além disso, um novo ensino de história".

Para a "Neue Leipziger Zeitung" trabalhava Kästner como crítico teatral de 1924 a 1927, e mais tarde como correspondente teatral.

Em 1925 dirigiu-se com sua mãe à Suíça. Um ano depois foi obrigado a retirar-se a uma estação termal para cura da sua doença de coração, contraída durante a guerra. Após abandonar a redação do jornal em 1927, visto seus artigos não agradarem a

um concorrente, e seu diretor não tinha coragem de interferir por êle, dirigiu-se, sem meios, a Berlim, para, como êle disse, conquistá-la. Alí foi colaborador da famosa revista "Die Weltbühne", editada por Carl von Ossietzky. Como colaboradores permanentes da "Weltbühne" eram os conhecidos nomes de Kurt Tucholsky, Walter Mehring, Heinz Pol, Ernst Toller, Arnold Zweig, Lion Feuchtwager, Werner Hegemann, Alfred Polgar, Rudolf Arnheim, e outros. Hermann Kesten conta como êle encontrou, pela primeira vez, Erich Kästner numa reunião chamada "Weltbühnentee" da viúva de Siegfried Jacobsohn, uma risosa dama proprietária de uma editôra de livros infantís que regularmente convidava os colaboradores da "Weltbühne" para o chá e para conversas contra colegas: "Eu cumprimentei um belo jovem, o qual, com um sorriso amável, me saudou também. Logo entabulamos conversa longa e assim nossa amizade".

Além de contribuir com poesias e prosa para "Weltbühne", Kästner escrevia ainda para diversos jornais conhecidos, democráticos e liberais e revistas periódicas, geralmente como correspondente cultural ou redator político-cultural, de Berlim. A carreira literária de Kästner parecia estar segura. Foi publicado seu primeiro livro, outros o seguiram, foram traduzidos e também filmados. "Porém, de novo, tudo em vão. Pois a depressão econômica crescia. Bancos faliam. O desemprego e as lutas entre mais de 20 partidos políticos prepararam o campo para a ditadura. Hitler assumiu o poder e Goebbels queimou meus livros. Minha carreira literária parecia destruída".

Com a usurpação do país, começou a fuga coletiva de escritores para o exterior. O incêndio do "Reichstag" era o sinal para o início da perseguição aberta aos judeus, comunistas, social-democratas, expoentes eclesiásticos e outras pessoas suspeitas ao regime nazista. Kästner achava-se justamente neste tempo no estrangeiro. Vindo de Meran, chegou a Zurique, onde encontrou muitos colegas editores e escritores refugiados da Alemanha na primeira etapa da fuga. Quando souberam da sua decisão, de voltar para a Alemanha, rogaram-lhe, com insistência, a fim de renunciar. Kästner mesmo foi a Berlim. Lá empenhou-se logo em evitar que os demais, os da mesma ideologia, fugissem para o exterior. "Seja o nosso dever e obrigação enfrentar, de nossa

maneira, este regime. Não poderíamos naturalmente impedir a vitória desse regime e as terríveis conseqüências dessa vitória, se todos os representantes intelectuais se retirassem do país. Eles não atendiam. Se me tivessem escutado, provavelmente, estariam hoje todos mortos. Constariam também nas listas de vítimas do fascismo. Sinto calafrios sempre quando penso nisso. Se eu tivesse conseguido persuadir uma única pessoa naquele tempo, a qual seria então martirizada e assassinada? Eu levaria a culpa. . .”

Kästner permaneceu na Alemanha. Suas obras foram em 1933 queimadas em Berlim, na ampla praça ao lado do Teatro Estadual da Ópera, com uma pompa solene e sombria. Triunfando, Goebbels chamou pelo nome os vinte e quatro escritores alemães que deveriam ser extintos simbolicamente para sempre. “Eu era o único que estava presente para assistir a êste descaramento teatral”. Kästner descreve o quanto triste foi para a culta Alemanha a queima dos livros, cujo ato foi ornado com tiradas de mau gosto do mentiroso baixinho. Por pouco seria descoberto como espectador, quando uma jovem de cabaré o reconheceu, e, perplexa, chamou-o em alta voz pelo nome. Felizmente o grito perdeu-se abafado pela multidão. Por 12 anos fôra um escritor proibido. “Nos anos seguintes encontrava minhas obras poucas vezes, quando ia ao estrangeiro, em Copenhagen, Zurique e Londres. E’ um sentimento estranho ser um escritor proibido e nunca mais ver seus livros nas estantes e vitrinas das livrarias, mesmo na cidade natal. Nem durante o Natal, quando os alemães apressadamente atravessavam as ruas nevadas em busca de um presente. Durante doze Natais! A gente parece um cadáver vivo”.

Enquanto o nazismo dominava a Alemanha, Kästner não podia publicar coisa alguma. No “Reich” houve silêncio sobre êle. Tinha permissão para publicar no estrangeiro, a qual foi suspensa em 1942, provavelmente porque algumas de suas obras editadas na Suíça, Tchecoslováquia infiltraram-se na Alemanha, onde encontraram aceitação. Ou talvez a interdição tinha o seu motivo na proclamação da guerra total. Até para escritores fiéis à linha do partido tornava-se cada vez mais difícil a publicação na Alemanha, por causa de diversas limitações da guerra, falta de papel, etc. Assim, também a licença especial de publicar no estrangeiro para um adversário do regime era para o Ministério

de Propaganda uma consequência evidente e natural. Para poder escrever o "script" para o "Muenchhausen-Film", que foi estrelado em 1943, como filme de jubileu da UFA, com Hans Albers no papel principal, Kästner tinha uma licença de prazo limitado, que não perdurou além do ano de 1942.

Os nacional-socialistas tentaram obter a simpatia de Kästner no ano de 1934. Propuseram-lhe que editasse, auxiliado por recursos secretos alemães, na Suíça, uma revista contra os emigrantes. Kästner recusou, porque tinha opinião diversa do partidário da "Reichsschrifttumskammer" sobre a coerência do talento e caráter. Em janeiro de 1944 a casa de Kästner foi totalmente destruída pelo bombardeiro. Perdeu tudo. Mas o seu lema era: "Não prenda o seu coração a bens terrestres. Possuo ainda o mólho de chaves. Moradia sem chave enfurece. Chave sem moradia é tolice. Queria jogá-la fora, a qualquer ruína adequada. E não consigo! Parecer-me-ia como se estivesse lançando pão fresco ao lixo. Que estôrvo absurdo perante umas chaves, que se tornaram desnecessárias. **Non scholae sed vitae discimus**".

Em março de 1945 abandonou Berlim, participando de um grupo de produção cinematográfica em direção ao Tirol. A notícia da capitulação da Alemanha alcançou-o em Zillertal. O grupo cinematográfico desintegrou-se, alguns componentes tentaram achar o caminho de volta para o lar, outros caíram na prisão, e os restantes empregaram-se na lavoura ou meteram-se no câmbio negro. Quando os americanos entregaram o Tirol aos marroquinos, Kästner mudou-se para a Baviera, sem recurso, de sapatos gastos, sem comunicação com Berlim, Leipzig, Dresden e Munique. É de uma atração particular lêr sua escassa "pequena cronologia em lugar de um prefácio" daqueles dias catastróficos, para termos idéia sobre a profundidade da ruína alemã, — a quem não participou pessoalmente, — do sofrimento humana, e a reação dêste ao bom e ao mal. Mas também de planos suntuosos, que nunca se realizariam. Desde agosto de 1945 Kästner vivia em Munique. A capital da Baviera tornou-se ponto de encontro para todos que se achavam no final da guerra em terras meridionais e ocidentais da Alemanha, e não em Berlim. Lá, Kästner, junto com outros idealistas e otimistas, entregou-se à obra de reerguer a decaída cultura. "Todo o mundo parece agir, preparando

do uma supra-primavera das artes. Não incomoda a ninguém, que se vive como os ciganos, com janelas quebradas, sem camisa para trocar, sem livro para lêr, subnutrido, enfrentando o inverno sem carvão para aquecer o lar. A vida está salva. Mais não é preciso, para recomeçar". Ajuda criar o cabaré "Die Schaubude"; dedica-se à restauração da vida teatral; funda uma revista juvenil "Pinguin"; aplica-se como folhetinista no jornal "Neue Zeitung" que aparecia desde outubro, por ordem do Governo militar norte-americano; escreve incansavelmente canções, "couplets", glosas, críticas, ataques, contos de fada, cenas teatrais, notícias de diário, cânticos, composições, artigos de atualidade, réplicas, e faz testes para a opinião pública. Quando Kästner ocupou novamente a cadeira de um redator, lembrou-se daqueles anos estudantis, e como jurou então nunca mais tocar em serviço semelhante. "Pois quem não nasceu para o gasto de móveis de escritório pelo uso constante, sofre terrivelmente como um cão". Pensou também no que esperou durante 12 anos, aguardando o dia quando poderia tomar novamente da pena como escritor livre. Afinal chegou êsse dia almejado com tanto ardor. Em lugar de escrever livros, — durante doze anos juntou suficiente material para isso, — achava-se atrás da mesa numa redação, preocupando-se com as coisas triviais de cada dia, recebendo visitas, redigindo, conferenciando, criticando, censurando, telefonando, despachando e ralhando. Por que se matava à fôrça de tanto trabalho, em vez de seguir a sua inclinação e escrever grandes livros? A resposta êle mesmo dá: "Quem está agora olhando de lado, sem ajudar, possui évidentemente nervos mais fortes do que eu. Quem pensa agora em suas obras completas, em vez de fazer sua tarefa diária, que pergunta a sua consciência. Quem constrói castelos no ar, em lugar de remover escombros, merece o castigo paternal do destino. Isto entretanto não se refere sòmente aos escritores".

Muitas vêzes ao Dr. Kästner perguntavam, principalmente os oficiais do Governo militar norte-americano, por que não abandonou a Alemanha nazista, preferindo uma vida mais calma no exílio. Para êles a permanência de Kästner "no Terceiro

Reich" parecia incompreensível". Nem todos os americanos que me interrogavam oficialmente pareciam aprovar e entender minha resposta. Eu lhes disse: Um escritor quer e deve compartilhar e ver, como o povo, ao qual êle pertence, suporta o seu destino em tempos ruins. Ir exatamente ao estrangeiro, explicar-se-ia sòmente pelo perigo de vida quase inevitável. E' obrigação profissional, entretanto, correr qualquer risco, para estar presente e testemunhar um dia, escrevendo. Assim, pois, eu era doze anos testemunha. Vi como dificultaram aos almeões a conservação de suas virtudes humanas, e como a um ou outro tornou-se fácil abandoná-las. Mas sei também que aquêles não têm razão, que dizem hoje perdemos para sempre o sentir humanista e não estamos capazes de agir como democratas. Estão enganados e nós convencê-los-emos! Nós reconstruiremos a Alemanha e começaremos de nosso caráter". E' a resposta de patriota, que tem coraçaõ, razão e ânimo, que a Alemanha ama, e por amor a esta pátria tornou-se crítico-social, satírico e um bondoso mestre-escola dela. E como a literatura alemã olha para o mundo com um olho só, êle presenteou-a com humor pimentado, o olho risonho faltante do seu tempo.

Hermann Kesten, o amigo de Erich Kästner, pouco antes de março de 1933, abandonou a Alemanha. Partindo, perguntou-lhe o que pensava fazer. Erich Kästner retrucou-lhe que ia ficar, por causa de sua mãe e para ser testemunha de horrores vindouros; queria escrever o romance da ditadura nazista, desejaria estar presente para ser o futuro acusador dela.

Hermann Kesten, há pouco tempo, publicou um livro "Meus amigos os poetas". E' uma reportagem acêrca de vinte escritores de renome dos últimos trinta anos. Junto com Stefan Zweig, Alfred Polgar, Thomas Mann, Klaus Mann, entre outros, deu-nos também o retrato de Erich Kästner, muito humorístico e provido de legitimidade da vida. Como êle conhece profundamente o seu amigo e sabe avaliar-lhe as partes fracas e fortes de seu caráter, consideramos o pequeno esbôço "Meu amigo Erich Kästner" uma peça de acôrdo com a vida e observação, como absolutamente verídica. Erich Kästner, visto à luz — "screened

by Hermann Kesten” — saiu perfeitamente bem, o estilo sem convenções e não acadêmico: “Escreve livros alegres, mas é melancólico. O café é o escritório dêle, o restaurante — a secretaria. Levanta-se ao meio dia, deita-se às cinco horas da madrugada. E’ gracioso, elegante, jogador de tênis, dançador ótimo. Não deixa passar nenhuma primeira representação de teatro. E’ a coluna de suporte de muitas tertúlias literários. O seu editor alemão vive em Londres. Kästner, após a primeira guerra mundial, viveu em Schwabing. Agora cultiva seu horto em Bogenhausen. Tem uma secretária em Berlim, outra em Munique e editores em todo o mundo. E’ um autor hábil para a vida, um lírico fino e alegre. Damas de teatro e artistas de cinema seguem, enrubeando, aos vestígios dêle. No tempo esplêndido de verão, usa um chapéu cinza, um casaco de côr clara na mão, um guarda-chuva, que êle abre hesitando, sòmente se cair chuva forte. Aprecia os encantos da natureza e das moças falantes. do teatro, da Alemanha, de seus pais, seus hábitos, vícios, e permanece fiel tôda a vida a qualquer um. Não se separa de bôa vontade do acostumado. Não gosta de viajar. E’, portanto, conservador, exceto nas idéias e no pensar. E’ um idílico, porém não satisfeito, mas malicioso e irônico. Aprecia gatos e crianças com uma ternura plácida de um solteirão decidido. Trabalhar em seus apartamentos bem arrumados, êle o acha barbárico e insuportável. Come pouco, bebe muito, geralmente champanhe, fuma demasiado. Apesar de muito querido, tem poucos amigos. E’ extraordinariamente pontual. E’, por assim dizer, um boêmio consciente e burguês. Moderado como um cético, com frases extravagantes, suave como um noivo, irado como um amigo enganado da liberdade.

Tem olhos azuis, cabelos levemente grisalhos, pouco ondulados, sobrancelhas escassas, bonitos cílios e mãos. sorriso subtil, delicado acento saxônico, expressões berlinenses e um senso gracioso e peculiar.

Não é alto, mas elegante. De noite, melancólico, de madrugada pronto para a discussão, de tarde pacífico e sempre divertido. Para escrever um artigo, gasta uma semana; para uma poesia, duas semanas; para uma peça teatral um ou dois anos, e pa-

ra sua vida necessita de humor. Seu espírito é mordaz, a vida regulada e sua amizade encanta. Sem motivo especial, presenteia com flôres as senhoras, empresta aos pobres escritores dinheiro sem lhes exigir recibo. Faz muitos anos, sem ter pretensão, é presidente do Pen Clube da Alemanha Ocidental. Politicamente um liberal ilimitado, ideològicamente um humanista radical e de uma natureza racional. E' discreto e gastador, tímido e atrevido, tranqüilo e insistente, cortês e sensível, amargo e delicado ao mesmo tempo.

E' um filho do povo com maneiras principescas, melancólico, com humor, literato com alma e gênio, amigo das crianças, amigo do povo, amigo das coisas razoáveis, amigo do mundo, e muito inclinado a discussões''.
